

FAMÍLIA, CRIANÇA-PROBLEMA E SAÚDE MENTAL – ESTUDO À LUZ DA FENOMENOLOGIA SOCIOLÓGICA¹

FAMILIA, NIÑO PROBLEMÁTICO Y SALUD MENTAL – ESTUDIO VISTO A LA LUZ DE LA FENOMENOLOGÍA SOCIOLÓGICA

FAMILY, PROBLEM CHILD AND MENTAL HEALTH – A STUDY IN THE LIGHT OF SOCIOLOGICAL PHENOMENOLOGY

ANA RUTH MACÊDO MONTEIRO²

MARIA GRASIELA TEIXEIRA BARROSO³

A criança pode, em seu contexto escolar, reproduzir uma situação de conflito familiar e ser tipificada como uma criança-problema. A partir das experiências vivenciadas pelas famílias das crianças tipificadas pela escola como problema, procurei compreender o tipo vivido familiar dessas crianças, tendo como fundamento a Fenomenologia Sociológica. Foram entrevistadas dezessete famílias, com no mínimo dois encontros com cada uma. Na procura do sentido da ação subjetiva das famílias, percebi como enfrentam problemas socioeconômicos múltiplos e que, dentro desses conflitos, procuram oferecer aos seus membros, suporte para enfrentar os desafios, e, encontram, também, alternativas para suportar tal realidade com anseios e aspirações. Verifiquei, neste estudo, que a criança-problema na escola é parte de uma família-problema e que, todos os profissionais, não só da área escolar, especificamente, mas da área da saúde, precisam intervir, indo além da criança e buscando atuar junto ao grupo familiar.

UNITERMOS: Família; Criança; Saúde mental; Enfermagem; Relações pais-filho.

The child can, in his/her school context, reproduce a family conflict situation and be typified as a problem child. From the experiences lived by the families of children typified as problem children by the school, I tried to understand those children's family types, on the grounds of Sociological Phenomenology. Seventeen families were interviewed and at least two meetings were held with each of them. In the search for the meaning of the subjective action of the families, I perceived how they confront multiple social-economic problems and that, inside those conflicts, they try to offer to their members support to face the challenges, and they also find alternatives to deal with such reality with longings and aspirations. Working with families is a great challenge in Nursing, mainly when the focus is on the promotion of mental health, because it involves the care to the individual in the several stages of his vital cycle. I observed, in this study, that the problem child at school is part of a problem family and that all professionals, not only those at the school domain, but also health professionals need to intervene, reaching beyond the child and attempting to work with the family.

KEY WORDS: Family; Child; Mental health; Nursing; Parent-child relations.

El niño puede, en su contexto escolar, reproducir una situación de conflicto familiar y ser tipificado como un niño problemático. A partir de las experiencias vividas por las familias de estos niños catalogados en la escuela como problemáticos por la escuela como el problema, intenté entender el tipo de vida familiar de esos niños teniendo por fundamento la Fenomenología Sociológica. Se entrevistaron diecisiete familias, con las cuales se realizaron por lo menos dos reuniones con cada una de ellas. En la búsqueda del sentido de la acción subjetiva de las familias, percibí de qué manera confrontan los problemas sociales y económicos múltiples y que, dentro de esos conflictos, ellos intentan ofrecer apoyo a sus miembros, para enfrentar los desafíos y encuentran, también las alternativas para soportar tal realidad con anhelos y aspiraciones. Verifiqué, en este estudio, que el niño considerado en la escuela como problemático, hace parte de una familia también problemática y que todos los profesionales, ya sea del área educacional como del área de la salud, necesitan intervenir de forma más actuante, yendo más allá del niño en sí, de forma que logren llegar más cerca del grupo familiar.

PALABRAS CLAVES: Família; Niño; Salud mental; Enfermería; Relaciones Padres-hijo.

¹ Retirado da Tese de Doutorado intitulada – A família da criança-Problema na Escola – Estudo de Fenomenologia Sociológica aplicada a Enfermagem

² Enfermeira, Doutora em Enfermagem, docente da Universidade Estadual do Ceará, Enfermeira do Hospital de Messejana, Membro do GRUPESS

³ Enfermeira, Professora Emérita da Universidade Federal do Ceará, Membro do GAPEFAM

INTRODUÇÃO

A saúde mental está relacionada a vários fenômenos da vida da pessoa. Muitos desses fatores são justificativas para condutas, nem sempre, tidas pela sociedade como desejáveis. São esperados do indivíduo reações, comportamentos padronizados e determinados como normais, não se levando em consideração sua real história de vida. E, ao interagir com outros, o homem expressa em suas ações toda uma bagagem de situações apreendidas desde a vida uterina.

A criança, no seu processo de socialização, tem como referência a família e, posteriormente, a escola. Estas, colaboram com a sua formação e desenvolvimento, influenciando na sua forma de pensar e perceber o mundo, na sua maneira de se ver e ver os outros e no estilo de vida que adotará para melhor compreender a sua realidade.

Como seu primeiro contato social, o indivíduo tem a família. A mãe, o pai, ou pessoa que cuida, os irmãos, muitas vezes os tios e avós, colaboram na formação social deste ser. Essa relação, geralmente única, nos primeiros anos de vida da criança estabelece laços afetivos, que são de algum modo definitivos.

Após alguns anos de vida, a criança inicia outra experiência de convívio social – a escola, que passa a fazer parte do seu mundo da vida, colaborando na formação dos seus processos mentais e interferindo no seu modo de agir consigo e com os outros.

A Enfermagem, há algum tempo, já tem começado a estudar, pesquisar e assistir a famílias, prestando cuidados nas demais situações de saúde-doença. Porém, os estudos com famílias no Brasil ainda são incipientes. A enfermagem tem conquistado alguns avanços, pois busca conhecer a percepção e a realidade vivenciadas pela família nas determinadas situações da vida cotidiana, reflete reconhecimento do papel da família como co-partícipe do cuidado^{1,2}.

Sabendo ser a família uma unidade que merece a atenção da Enfermagem, e que ao trabalhar com este grupo, não há como romper com os vários ciclos da vida em uma diversidade de situações de conflito e de enfrentamento, é que trago à discussão, neste estudo, a relação família e saúde mental, em busca de contribuir com o trabalho de Enfermagem com famílias.

A partir das experiências vivenciadas pelos sujeitos, buscou-se, com esse estudo, compreender o típico familiar da *criança-problema* na escola, suas inter-relações e as situações vivenciadas como manifestação do seu típico familiar, com fundamento na fenomenologia das relações sociais de Alfred Schutz.

Assim, pretendo contribuir com a ação da enfermagem no plano da prevenção primária junto à família. E essa atuação implica introduzir na prática diária do enfermeiro a promoção da saúde mental.

TRAJETÓRIA DO ESTUDO

Por buscar conhecer o tipo vivido familiar de crianças consideradas problema pela escola, este estudo aconteceu em dois momentos e cenários diferenciados e complementares: a instituição escolar e o contexto familiar. Inicialmente, utilizei os depoimentos dos professores de uma escola pública da zona periférica da cidade de Fortaleza-CE, para tipificação da criança-problema e chegar às famílias que participariam do estudo. Foram consideradas *crianças-problema* àquelas que, de acordo com os professores, apresentaram alterações de comportamento e não problemas de aprendizagem, considerando ser este o objetivo a ser atingido, crianças que apresentassem alguma alteração de conduta.

Como fonte de dados, foram realizadas observações dos comportamentos dos atores sociais, e as descrições das experiências vivenciadas pelas famílias obtidas pela entrevista.

Foram identificadas trinta e seis crianças, das quais preenchi uma ficha individual com dados da pasta escolar existente na secretaria da escola. Continha informações pessoais como: endereço, filiação, profissão dos pais, número de irmãos, casos de doença e/ou vício na família e grau de parentesco, registro de comunicados para os pais ou de comportamento na escola (nem sempre atualizados).

Das trinta e seis famílias, participaram do estudo dezessete, pois não foi encontrado o endereço de seis; quatro domicílios encontraram-se sempre fechados, após quatro visitas em horários e dias variados; na ficha escolar de uma criança, não constava o endereço, e oito moravam em uma ocupação (assentamento) considerada pela Associa-

ção de Moradores de grande periculosidade, havendo a orientação de que a entrada na comunidade só deveria ser feita com a presença, ou de um agente de saúde, ou de um membro da Associação, que eram pessoas autorizadas pelos marginais do local. Porém, a região não se encontrava, no momento coberta por um agente de saúde, e não havia nenhum membro da Associação de Moradores disponível para me acompanhar, pois estava sendo redimensionado o número de famílias e domicílios para a instalação do Programa de Saúde da Família – PSE, e eles já estavam acompanhando a equipe coordenadora do Programa.

Para descrever a dinâmica familiar da *criança-problema*, foram realizadas observações da dinâmica familiar e entrevistas fenomenológicas com as famílias, sendo marcado, antecipadamente, o horário deste encontro social, de acordo com o entrevistado, que aconteceu sempre em sua residência. As entrevistas foram gravadas, e inicialmente, transcritas em sua íntegra, para que não se perdesse nenhum detalhe do que foi verbalizado, e para, posteriormente, serem reduzidas. Eram realizadas, após cada encontro, anotações no diário de campo das expressões extra-verbais dos sujeitos entrevistados e das observações realizadas, com vistas, à compreensão do típico familiar da criança. Havia, também, um diário de registro pessoal, onde foram feitas as observações de como me sentia no campo e na relação face a face com as famílias.

Em um instrumento específico, foram registradas informações referentes às condições de vida da família, como forma de caracterizar a estrutura familiar, no que diz respeito à quantidade de pessoas que moram na casa e grau de parentesco com a criança, renda familiar e de onde provém, tipo de moradia, número de cômodos, estrutura de rede de água, esgoto, energia e pavimentação.

O início da coleta dos depoimentos se deu após aprovação em Comitê de Ética em Pesquisa e assinatura do consentimento livre e esclarecido dos sujeitos, bem como do fato de ter sido assegurada a confidencialidade e a privacidade dos seus depoimentos, garantindo a não utilização das informações em prejuízo dos que participaram da pesquisa. Para tanto, todos os nomes dos sujeitos são fictícios. Foram observadas as normas legais e éticas para pesquisa científica, que envolvem seres humanos estabelecidas pela Resolução nº 196, do Conselho Nacional de Saúde, de 10 de outubro de 1996³.

Para compreensão da ação vivenciada pelas famílias das *crianças-problema*, foram obedecidos os seguintes passos: descrição das vivências a partir dos depoimentos obtidos por meio da entrevista fenomenológica, para alcançar a tipologia do vivido; interpretação das vivências, a partir do tipo vivido, à luz da fenomenologia social de Alfred Schutz; busca da compreensão por meio da análise interpretativa⁴.

Para tanto, foram realizadas leituras atentas dos depoimentos transcritos, para captar aspectos gerais da situação vivenciada e a relevância dos sujeitos envolvidos; identificação de categorias concretas, a partir dos depoimentos; releitura cuidadosa dos depoimentos para a extração e registro de trechos das falas, tendo como referências as categorias concretas identificadas; e construção do tipo vivido, mediante os aspectos de maior significado para os atores da ação⁵.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A compreensão da ação do sujeito se dá a partir do entrelaçamento entre as estruturas temáticas significativas e os elementos do conhecimento⁴. As tematizações antecedem toda e qualquer interpretação.

Os dados referentes ao perfil das famílias das crianças foram estruturados em um genograma seguido de uma descrição, o qual não será relatado neste trabalho, por contar com uma grande quantidade de informações específicas – a história de cada família.

Neste momento, apresento as estruturas temáticas significativas encontradas nos depoimentos das famílias das *crianças-problema* e logo em seguida, entrelaço as categorias concretas com o pensamento de Alfred Schutz, em busca do sentido da ação.

A BUSCA DO TIPO VIVIDO FAMILIAR

Para Schutz, a redução fenomenológica, *epoché* da atitude natural, caracteriza-se pela suspensão da dúvida a respeito da existência do mundo e seus objetos, pois eles podem ser diferentes do que lhe aparecem⁶.

O indivíduo personificado pelas suas experiências, junto com outros atores sociais, estrutura e caracteriza a

família a que pertence. Portanto, cada família no seu ciclo de vida familiar, reage de maneira peculiar às realidades múltiplas que lhe aparecem, as quais são influenciadas, não somente pelo acervo de conhecimentos que adquiriram a partir de suas experiências, mas também dos fatores externos, que contextualizam o seu mundo social.

Busquei as estruturas temáticas significativas, caminhando de acordo com os postulados estabelecidos por Schutz, como princípios que me levariam à tipologia do vivido, que são o da coerência lógica, interpretação subjetiva e da adequação.

Na categoria **sustento necessário à sobrevivência**, há várias realidades presentes no cotidiano das famílias, mas todas centralizam, em um ponto comum, o problema financeiro, pois nem sempre o que se ganha dá para o sustento da família. Em algumas delas, as mulheres participam do orçamento doméstico, delegando o cuidado dos filhos a outros; em outras, elas colaboram com o trabalho doméstico e com as crianças; outras, experienciam o desemprego.

Eu ganho uma gota por mês, mês dá pra sustentar mês não...Quando não, eu empurro pro mês da frente. (pai de Maria)

Eu acho que é Deus que mantém nós, que é uma família muito grande (mãe de Jacó)

O meu marido está com mais de quatro anos que está com aposentadoria cortada. Eu estou com duas cestas básicas devendo, a minha água está cortada. Não tenho dinheiro nem para comprar o pão do desjejum... (tia de Júlio)

Eu não trabalho, sustentamos como Deus quer, ajuda dos amigos, de vez em quando meu marido faz um bico e assim vai.... (mãe de Mara)

Nesses depoimentos, como manifestação de uma realidade primária, não pude deixar de perceber a ação subjetiva das famílias em busca da sobrevivência, que é parte do seu mundo cotidiano.

Schutz sublinha que tem como problema principal a análise do mundo, da vida cotidiana, que pode ser caracterizado como uma realidade primária. Para ele não se pode compreender a atividade humana sem compreender a ação⁷.

Essa experiência vivenciada pelas famílias, define a sua situação biográfica e passa a compor o seu acervo de conhecimento, que é usado na interpretação que faz do mundo.

A vida diária rumo à sobrevivência, define a situação das famílias em seu mundo intersubjetivo, pois interpretam suas ações a partir da sua bagagem de experiências. Nem sempre elas se adaptam à situação que lhes é imposta, de limitação financeira, pois buscam em outra atividade uma condição melhor para a sobrevivência.

Em qualquer momento da sua vida diária, o homem se encontra em uma situação biograficamente determinada, em um meio físico e sociocultural que o define e dentro do qual ocupa uma posição, não só em termos de espaço físico e tempo exterior, ou de status, mas também uma posição moral e ideológica^{8: 40}.

Quanto ao **relacionamento familiar**, os membros numa relação face a face, fazem sua interpretação a partir de sua bagagem de conhecimento que têm à mão no momento em que se processa a interação. Esta interpretação tanto é dos seus atos como da ação do outro.

Para Schutz, a vida no lar significa ter em comum o espaço e o tempo, com objetos e interesses à volta, com base num sistema de relevâncias mais ou menos homogêneo, significa, além disso, que são participantes de um relacionamento primário, vivenciam um ao outro como personalidades únicas num presente vivido. Eles compartilham experiências e antecipações do futuro, acompanham o desenrolar do pensamento um do outro, vivenciando uma relação do Nós, pois "A vida um do outro se torna, assim, uma parte de sua própria autobiografia, um elemento de sua história pessoal"^{9:2945}.

A conduta dos pais com as crianças, é fruto de uma situação, na qual a ação é motivada pelo seu acervo de conhecimentos, não somente herdados dos seus antecessores, mas também adquiridos a partir das suas experiências no mundo da vida.

Às vezes eu me afobo, bato nele, mas eu nunca mais bati (...)Batia com palmada, com cinturão (mãe de Jamil)

Eu já disse à professora que pelo amor de Deus não mande reclamação, que é capaz de eu matar

ele (...) Eu dou é mãozada no pé do ouvido, boto para sentar, mas não tem jeito não (avó de José). Quando eu digo ao pai delas que elas me desobedeceram e passaram a tarde fora de casa, ele dá um tapa em cada uma e manda dormir (mãe de Mara)

A atitude de violência para com os filhos, reflete uma ação motivada dos pais (ou cuidadores) que é interpretada por eles como a mais adequada para o presente vivido. Essa atitude natural é a base para seus projetos.

O indivíduo lança mão, no seu agir, de atributos que o caracterizam, o personificam, pois a apreensão de todas as suas experiências se dá particular e diferentemente de qualquer um outro, mesmo que ele a possa ter vivenciado em momento e lugar semelhantes.

O meu acervo do mundo social consiste em tipificações. Levo um acervo de conhecimento a todo encontro imediato com um semelhante. As tipificações também desempenham necessariamente um papel de importância na Orientação Tu e no Relacionamento Nós. Também capto com a ajuda das tipificações o semelhante único que está face a face comigo^{6:90}.

A situação biográfica das crianças, também tem por base o seu acervo de conhecimentos adquiridos ou herdados até o momento presente. Elas costumam reproduzir muitas situações captadas, bem como construir com seus próprios materiais e métodos, também frutos do acervo de conhecimento, suas atitudes típicas.

Ao tipificar uma criança, os pais ou pessoas que cuidam utilizam critérios e estabelecem condutas para solucionar ou amenizar a situação. Esses critérios são determinados para avaliar um comportamento que se espera do filho. São os estoques de conhecimentos que os pais têm à mão, a partir de experiências armazenadas nas suas situações de vida. Segundo Schutz, esses conhecimentos podem ser precisos e distintos, vagos e obscuros, e o acervo de conhecimento é produto das experiências sedimentadas⁹.

O indivíduo leva consigo seu horizonte interpretativo interno e externo, e por esse motivo, ele não consegue captar a realidade do mundo, mas apenas alguns aspectos dela.

E a criança tem também o seu esquema interpretativo, e não se pode afirmar que ela é somente um produto da família, pois dessa forma, desconsidera-se todo o seu potencial de ser ativo no mundo, no qual mantém uma relação Nós com seus associados.

A criança pode refletir um comportamento experienciado dentro da família e da comunidade da qual faz parte, mas que antes foi apreendido e sedimentado por ela. Para Schutz, a situação biográfica do indivíduo guarda uma relação explícita com a vida e a história pessoal de cada um dos membros do mundo social⁷.

A reciprocidade de uma relação Nós é forçada à criança através do outro. Nessa relação, leva-se em consideração a capacidade estrutural da criança. Somente neste processo multifacetário da experiência do Outro, e de si mesmo, por meio da experiência do Outro, se constrói a identidade da criança⁶.

O mundo social não é um mundo privado, mas um mundo intersubjetivo, no qual o relacionar com os semelhantes é fundamental, pois é nessa relação com os contemporâneos que é vivenciado um mundo comum a todos nós. Dessa forma há o compartilhar do mesmo presente vivido.

O **tipo familiar** da criança-problema é revelado na atitude natural dos atores sociais, que no relacionamento com o outro, definem a sua situação biográfica e revelam os seus motivos.

Eu bebo cachaça desde os dezesseis anos, hoje estou com setenta, mas isso é problema meu, de mais ninguém....(pai de Maria)

O alcoolismo é um problema social, que atinge muitas famílias, com uma agravante: ter caracteres hereditários e não ser aceito por seus portadores como doença. A mudança de comportamento dos pais que bebem é percebida e relatada pela família, que não aprova tal atitude.

Essa experiência vivenciada pela família interfere na organização familiar que, após sedimentada, constitui contextos de significados que levam à relação com os associados e os impulsiona ao agir. E, quando há mudança no típico dos indivíduos, há uma mudança direta na sua situação.

Para Schutz, na situação face a face, os parceiros estão continuamente revisando e ampliando o conhecimento do outro. O acervo de conhecimento do mundo e dos contemporâneos é revisto e alargado pela nova experiência, não interessando de que parte se origina no mundo social⁹.

Sou muito humilhada por ele, ele alega tudo o que faz por mim e pelos meus filhos(...) Eu não gosto mais dele não (...) A gente não tem nada já faz dois meses, eu acho que ele é impotente. Ele me bate, já me bateu até com uma corrente que tinha no pescoço e, depois tive que passar amoníaco para tirar a mancha. Mas só foi dessa vez, eu agora enfrento ele. (mãe de Jairo)

A mudança no comportamento de algum membro da família redefine a situação geográfica da família e de cada um dos seus. Há mudanças, inclusive, no aspecto físico e na postura que se adota frente às situações. Muitas decisões são tomadas, tendo por base as mudanças no presente vivido. Essa realidade vivenciada por um dos seus membros pode influenciar as atitudes de outros dentro da família, com respostas somáticas que expressam a subjetividade.

“O corpo do outro está para mim como um campo de expressão de suas vivências. Ao tipificar a conduta do outro, estou tipificando minha conduta, que se inter-relaciona com a sua”^{8:48}. As construções do sentido comum utilizadas para tipificar o outro e a mim mesmo têm origem e aprovação social. Dentro de um grupo, a maioria dos tipos pessoais e dos tipos de ações é pressuposto, até que se prove o contrário.

As primeiras relações do Nós são de fundamental importância no processo de aprendizagem. Por trás dos outros, com quem as crianças mantêm as primeiras relações do Nós, há sempre uma estrutura social específica. A significatividade fundamental que as crianças adquirem nas suas primeiras relações do Nós, estão, não apenas socialmente objetivadas, mas, em certa medida, filtradas através da estrutura social. E este efeito de filtro é imperativo⁶.

A família é co-partícipe na estruturação do conhecimento à mão da criança, que ela utiliza na relação face a face tipificando o outro e a si mesma. Ela apreende todo o presente vivido, experienciado num relacionamento do Nós. “O sentido que tem a ação para o ator é único e individual,

porque se origina na situação única biográfica e particular do ator”^{8:61}.

O modo como as pessoas se comportam ao realizar sua tarefa, define-se, puramente, por meio de um contexto significativo. Os meus partícipes são tipos. Os tipos ideais são esquemas interpretativos do mundo social em geral, que envolvem parte do nosso repertório do conhecimento acerca desse mundo.

... o típico é homogêneo sempre é assim. Na síntese tipificante do reconhecimento realizo um ato de anonimização no qual abstraio a vivência do marco da corrente da consciência e, portanto, faço-a impessoal^{10:215}.

Outra manifestação de tipo nas famílias é evangélica, em que a mãe cobra dos filhos um comportamento coerente com os princípios da religião que seguem. É desvelado em sua fala a importância de que essa vivência faça parte do acervo de conhecimento dos filhos, para que eles possam, na sua situação geográfica, revelar a sua crença.

... a transmissão do conhecimento está arraigada na estrutura social. A importância da família na transmissão dos elementos básicos do conhecimento (que coincide com a função decisiva da família na socialização inicial da pessoa) é virtualmente universal, embora haja exceções. Contudo, os âmbitos ‘universalmente válidos’ de conhecimento, tais como os vinculados com papéis ‘impostos’, podem ser transmitidos além da estrutura familiar.^{6:280-81}

O acervo de conhecimento se manifesta como uma posição subjetiva pressuposta. “O acervo de conhecimento determina uma dimensão essencial da captação de si mesmo e de outros, na orientação do mundo social”^{6:306}.

Manifestando a sua significatividade no mundo subjetivo, as famílias revelam os **sentimentos em relação à vida**.

Já estou é cansada de tanto lutar pela vida. Eu já estou velha cansada... (avó de José)

Do jeito que está a situação, a gente fica mais é doída. E se eu for me trancar mais os meninos, fica

é doida (...) Depois que eu vim para cá (Fortaleza) só foi sofrimento. Meu marido se pegou em mim...eu era noiva de um rapaz bom... mas quando a gente nasce com uma sorte... (mãe de Mara). Eu tenho um trabalho grande, você não sabe da minha luta que eu tenho pela frente e da minha peleja aqui em casa com a minha mãe que tem câncer... (mãe de Jadas)

Mesmo sob a forma de sofrimento, os sentimentos, de uma maneira geral, compõem o acervo de conhecimentos à mão, que são tipificações de si mesmo, numa atitude natural.

Para Schutz, desde a infância, o indivíduo, continuamente, acumula grande quantidade de receitas, que utiliza como técnica para compreender, ou, pelo menos, controlar aspectos de sua experiência. Cada experiência, tipicamente, é apreendida e interpretada, e quando transcorrida serve de base para a sua ação seguinte¹¹.

A origem e fonte de toda a realidade, seja do ponto de vista absoluto ou prático, são subjetivas, somos nós mesmos. Quando o meu mundo privado entra em contato com o mundo dos meus semelhantes, devemos resolver os conflitos que surgem nos esquemas de interpretação de cada um de nós¹².

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A família ocupa um papel de destaque na formação dos seus membros, influenciando na sua personalidade e na forma como irão enfrentar os desafios que lhes serão impostos. Essa relação intersubjetiva favorece o desenvolvimento de seus partícipes, que vivenciam o relacionamento do Nós.

Conhecer o típico familiar de crianças consideradas como problema na escola, levou-me a refletir, intencionalmente, sobre a situação desse grupo no mundo social, suas experiências vivenciadas e suas ações para o futuro. Através da fenomenologia sociológica, cheguei ao sentido da ação subjetiva das famílias no mundo cotidiano.

O sustento necessário à sobrevivência é apreendido nos depoimentos das famílias que experienciam situações diversas em que o homem é o provedor da renda familiar. Em outros casos, a mulher é a responsável pelo orçamento domiciliar ou mesmo trabalha para ajudar nas despesas

domésticas ou ainda colabora desenvolvendo as atividades específicas de casa e na criação dos filhos. O desemprego, também, é uma realidade nas famílias que sobrevivem com a ajuda de vizinhos e amigos.

No relacionamento entre seus partícipes, a família emprega recursos que considera, dentro da sua bagagem de conhecimento à mão, serem adequados para educar os filhos quanto ao limite. Além das desavenças familiares, vivenciam a violência doméstica e o desemprego como aliados. Esses problemas sociais, que afetam considerável parte da população, é fator desagregador de famílias, pois contribui para a sua desestabilização no mundo do sentido comum. O tipo vivido familiar da *criança-problema* é reflexo dos vários problemas sociais presentes no mundo da vida diária das famílias. Elas definem sua situação, utilizando o estoque de conhecimentos e passam aos seus associados numa relação face a face.

Verifiquei neste estudo que a *criança-problema* na escola é parte de uma *família-problema* e que, todos os profissionais não só da área escolar, especificamente, mas da área da saúde, precisam intervir, indo além da criança e buscar atuar junto ao grupo familiar, para que possam ajudá-lo a encontrar formas de enfrentamento eficazes para as suas situações de crise.

É importante considerar que a Enfermagem, não somente precisa estar atenta para atuar junto às famílias em crise, mas sim pensar em ações que visem a promoção da saúde mental, para que nem mesmo cheguem a desenvolvê-las, encontrando mecanismos de enfrentamento eficazes para superar os seus conflitos. Promover a saúde implica, inclusive, em conhecer como as famílias cuidam de seus filhos e não somente o que sabem sobre o processo de adoecer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Morais EP. Enfermagem e família: evitando a negligência. Santa Maria: Edição da Autora; 1999.
2. Marcon SS. Família criando seus filhos – um estudo em três gerações. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária; 1999.
3. Conselho Nacional de Saúde (BR). Normas para pesquisa envolvendo seres humanos: Resolução, CNS 196/96 e outras. Brasília; 2000.

4. Moreira RV. Seminário sobre hermenêutica. Fortaleza; 2000. Notas de aula.
5. Tocantins FR. As necessidades na relação cliente-enfermeiro em uma unidade básica de saúde: uma abordagem na perspectiva de Alfred Schutz [tese]. Rio de Janeiro: Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro; 1993.
6. Schutz A, Luckmann T. Las estructuras del mundo de la vida. Buenos Aires: Amorrortu; 1973.
7. Capalbo C. Metodologia das ciências sociais: a fenomenologia de Alfred Schutz. 2ª ed. Londrina: UEL; 1998.
8. Schutz A. El problema de la realidad social. Buenos Aires: Amorrortu; 1962.
9. Wagner HR. Fenomenologia e relações sociais: textos escolhidos de Alfred Schutz. Rio de Janeiro: Zahar; 1979.
10. Schutz A. Fenomenologia del mundo social: introducción a la sociología comprensiva. Buenos Aires: Paidós; 1972.
11. Natanson M. Introdução. In: Schutz A. El problema de la realidad social. Buenos Aires: Amorrortu; 1962.
12. Schutz A. Estudios sobre teoria social. Buenos Aires: Amorrortu; 1964.

RECEBIDO: 24/09/03

ACEITO: 19/05/04